

A questão da historicidade dos milagres de Jesus

The question of the historicity of the miracles of Jesus

 Celso Loraschi¹

Submetido em 22/09/2023

Aceito em 06/10/2023

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é oferecer ao leitor e à leitora algumas pistas que emergem do debate em torno do tema da historicidade dos milagres narrados nos evangelhos. Apresenta inicialmente uma lista do que comumente são considerados milagres na Bíblia, tanto no Primeiro como no Segundo Testamento. Chama a atenção, porém, que os milagres não se reduzem a esta lista. A Bíblia está repleta deles. Em seguida procura definir o milagre bíblico a partir da etimologia de alguns termos hebraicos e gregos. Continua apresentando as principais correntes de interpretação dos milagres. Finalmente, entra no tema da historicidade dos milagres de Jesus, indicando os critérios que a fundamentam. Conclui o artigo com algumas considerações, enfatizando que ciência e fé não se opõem: andam juntas; são dons de Deus para o bem da humanidade.

Palavras-chave: milagres, historicidade, Jesus, critérios.

1 Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Professor nos cursos de extensão e pós-Graduação na Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
E-mail: loraschi@facasc.edu.br

ABSTRACT

The main objective of this article is to offer the reader some clues that emerge from the debate around the theme of the historicity of the miracles narrated in the gospels. It initially presents a list of what are commonly considered miracles in the Bible, both in the First and Second Testaments. It is noteworthy, however, that miracles are not limited to this list. The Bible is full of them. It then seeks to define the biblical miracle from the etymology of some Hebrew and Greek terms. It goes on to present the main currents of interpretation of miracles. Finally, it enters the theme of the historicity of Jesus miracles, indicating the criteria that underlie it. The article concludes with some considerations, emphasizing that science and faith are not opposed: they go hand in hand; they are God's gifts for the good of humanity.

Keywords: miracles, historicity, Jesus, criteria.

1. Introdução

Quando perguntada se acredita em milagres, provavelmente a maioria das pessoas responde afirmativamente. A religiosidade do nosso povo continua em alta. Semanalmente, são muitas as celebrações que podemos participar ou acompanhar através das mídias sociais e ouvir relatos de curas e libertações. Uma boa parte do povo brasileiro já fez novenas, cumpriu promessas e participou de procissões ou de peregrinações a santuários. Nestes locais podemos conferir os sinais que testemunham graças alcançadas e milagres recebidos por incontável número de romeiros. Para canonizar uma pessoa santa, a igreja católica exige pelo menos um milagre comprovado pela Congregação para a Causa dos Santos. Consequentemente, por dedução, a multidão de santos canonizados indica que existiram muitos milagres. Para as pessoas empobrecidas, doentes, desempregadas ou que se encontram em outras situações de dificuldades, os milagres passam a ser uma perspectiva de solução. Muitas delas são seduzidas pelas promessas de líderes religiosos que oferecem todos os tipos de milagres como produtos ao alcance de todos.

As religiões da prosperidade exploram as dificuldades do povo dizendo-se donas de receitas de sucesso. Comercializam o anseio por milagres, precorizando-os como saída dos becos desta vida. Transformaram os milagres em produtos à venda no mercado e em objetos de barganha (Brakemeier, 2012, p. 10).

A procura por soluções milagrosas é muito antiga. No mundo greco-romano havia lugares ou santuários onde o povo acorria em busca de curas ou soluções para

os seus problemas, como o famoso santuário de Delfos². Havia taumaturgos ou milagreiros renomados: pessoas que possuíam o dom da cura ou eram uma espécie de magos que controlavam o dinamismo das “forças ocultas” maléficas. Um dos mais famosos no século I foi Apolônio de Tiana³. Nesta mesma época são atribuídos milagres a dois renomados sábios judeus: Honi, o fazedor de círculos e Hanina ben Dosa⁴.

Diante disso, tendemos a reconhecer que, por uma ou outra via, os milagres existem. Nem todas as pessoas, porém, pensam desse modo. De fato, diante de um tema tão importante como este, fazem-se necessários a cautela e o discernimento.

2. Milagres na Bíblia

A Bíblia, tanto no Primeiro como no Segundo Testamento, oferece inúmeras narrativas de milagres. Por exemplo, o casal Abraão e Sara: o seu filho Isac é fruto de um milagre (Gn 21). Assim aconteceu com outros casais, como Manué e sua mulher, pais de Sansão (Jz 13); também com Ana e Elcana, pais de Samuel (1Sm 1). A libertação dos escravos no Egito somente foi possível com a intervenção milagrosa de Deus: basta lembrar as dez pragas (Ex 7-12), a travessia do Mar Vermelho (Ex 14), o maná e as codornizes enviados por Deus para saciar a fome do povo (Ex 16), a água que jorrou da rocha (Ex 17) e vários outros episódios ao longo da história de Israel. Os profetas Elias e Eliseu realizaram curas, multiplicações de alimentos e até ressurreições (cf. 1Rs 17-2Rs 6). Daniel, jogado na cova dos leões, foi salvo milagrosamente (Dn 6). Assim também os três jovens piedosos – Sidrac, Misac e Abdênago – saíram ilesos da fornalha ardente (Dn 3). São muitos os milagres que podemos encontrar ao longo da Bíblia. A tendência dominante entre os rabinos judaicos é de que a Bíblia está repleta de milagres. “O primeiro deles – o milagre dos milagres – é a ordem da Criação. Os milagres estão na própria Criação: o ser humano encontra os milagres na Criação antes de encontrá-los na história” (Charpentier, 1982, p. 17).

Walther Eichrodt, estudioso alemão do Antigo Testamento e teólogo protestante, explica o verdadeiro significado dos atos miraculosos na Bíblia:

A verdadeira importância do miraculoso para a fé reside não no ato material, mas no seu caráter de demonstração [...], o caráter especialmente anormal do

- 2 Delfos, cidade situada na parte central da Grécia antiga. O templo, dedicado a Apolo, abrigava o “oráculo de Delfos”, muito frequentado por pessoas do mundo inteiro que vinha ali buscar - junto a sacerdotes e sacerdotisas - conselhos e previsões tanto para resolver problemas pessoais, como familiares e sócio-políticas.
- 3 Apolônio de Tiana nasceu no início do século I, no reinado de Augusto, em Tiana, cidade da Capadócia (Turquia). Seguidor do pitagorismo, realizou muitas viagens pelo mundo, visitando os locais de culto e ensinando. Viveu um período no templo de Esculápio, o Deus da medicina para os romanos. Distribuiu seus bens e levou uma vida de hábitos simples. Venerado como sábio e taumaturgo. Seu principal biógrafo foi o filósofo Flávio Filóstrato (anos 170-250) em sua obra *Vida de Apolônio de Tiana*.
- 4 Honi, fazedor de círculos e *Hanina ben Dosa* viveram no 1º século, na Galileia. São citados na *Mishná judaica* pelo final do século II. Sobre “os milagres nos mundos grego e judaico”, confira: Puig (2020, p. 391-396).

evento não faz dele um milagre; o que deixa uma marca forte nas pessoas é a impressão clara do cuidado e da retribuição divina dentro desse evento (Eichrodt *apud* Harris, 1998, p. 1768).

Seguindo o que relatam os quatro evangelhos, Jesus realizou muitos milagres, assim classificados:

Quadro 1 – Estatística dos milagres e Jesus

TIPOS DE MILAGRES	MARCOS	MATEUS	LUCAS	JOÃO
Curas	8	8	10	3
Exorcismos	3	2	2	
Exorcismos com cura	1	3	4	
Ressurreições	1	1	2	1
Ações sobre a natureza	5	7	3	4

Fonte: Adaptado de Anderson e Gorgulho (1991, p. 6).

Destas ações milagrosas, onze são comuns aos evangelhos sinóticos: seis curas: um leproso, um paralítico, um homem da mão atrofiada, a hemorroíssa e o cego de Jericó; dois exorcismos: o endemoninhado geraseno e o epilético; uma ressurreição: a filha de Jairo; duas ações sobre a natureza: a tempestade acalmada e a primeira multiplicação dos pães. A multiplicação dos pães é o único milagre comum aos quatro evangelhos. Abaixo a lista de ações consideradas como milagres de Jesus, conforme narradas nos evangelhos:

Quadro 2 – Os milagres nos Evangelhos

CURAS	MARCOS	MATEUS	LUCAS	JOÃO
A sogra de Simão Pedro	1, 29-31	8, 14-15	4, 38-39	----
O leproso	1, 40-45	8, 1-4	5, 12-16	----
O paralítico	2, 1-12	9, 1-8	5, 17-26	----
O homem da mão atrofiada	3, 1-6	12, 9-14	6, 6-11	----
A hemorroíssa	5, 25-34	9, 20-22	8, 43-48	----
O(s) cego(s) de Jericó	10, 46-52	20, 29-34	18, 35-43	----
O servo do centurião	----	8, 5-13	7, 1-10	4, 46-53
Os dois cegos	----	9, 27-31	----	----
O surdo-mudo	7, 31-37	----	----	----
O cego de Betsaida	8, 22-26	----	----	----
O hidrópico	----	----	14, 1-6	----
Os dez leprosos	----	----	17, 11-19	----
A orelha do servo	----	----	22, 50-51	----
O enfermo de Betesda	----	----	----	5, 1-18
O cego de nascença	----	----	----	9, 1-41
EXORCISMOS				
O possesso de Cafarnaum	1, 21-28	----	4, 31-37	----
O possesso de Gerasa	5, 1-20	8, 28-34	8, 26-39	----
A filha da mulher canania	7, 24-30	15, 21-28	----	----

EXORCISMOS COM CURA				
O menino epilético	9, 14-29	17, 14-21	9, 37-43	----
O possesso cego-mudo	----	12, 22-23	11, 14	----
O possesso mudo	----	9, 32-34	----	----
A mulher encurvada	----	----	13, 10-17	----
A expulsão de demônios de Maria Madalena e outras mulheres	----	----	8, 2-3	---
AÇÕES SOBRE A NATUREZA				
A tempestade acalmada	4, 35-41	8, 23-27	8, 22-25	----
1ª multiplicação dos pães	6, 32-44	14, 13-21	9, 10-17	6, 1-13
Jesus sobre o mar	6, 45-52	14, 22-27	----	6, 16-21
Pedro sobre o mar	----	14, 28-31	----	----
A pesca milagrosa	----	----	5, 4-7	21, 1-14
2ª multiplicação dos pães	8, 1-10	15, 32-39	----	----
A figueira maldita	11, 12-14.20-22	21, 18-22	(13, 6-9)	----
A moeda na boca do peixe	----	17, 27	----	----
A mudança da água em vinho	----	----	----	2, 1-11
RESSURREIÇÕES				
A filha de Jairo	5, 21-24.35-43	9, 18-19.23-26	8, 40-42.49-56	----
O filho da viúva de Naim	----	----	7, 11-17	----
Lázaro de Betânia	----	----	----	11, 1-46

Fonte: Adaptado de Charpentier (1982, p. 32-33); Meier (1998, p. 138-140); Puig (2020, p. 382-386).

Além dessas narrativas de milagres específicos, os evangelistas, em forma de sumários, revelam que Jesus realizou muitos outros: Mc 1, 32-34.39; 3, 10-12; 6, 55-56; Mt 4, 24; 8, 16-17; 11, 2-6; 12, 15; 14, 34-36; 15, 29-31; Lc 4, 40-41; 6, 17-19; 7, 21-22; 8, 2. São sinais comprobatórios da chegada do tempo messiânico conforme anunciado pelo profeta Isaías (Is 29, 35-36; 61, 1). Este tempo se estende para além do Jesus histórico. As ações realizadas por ele continuam através dos seus discípulos a quem lhes é concedido o mesmo poder e a mesma autoridade (Mc 3, 15; 6, 7-13; Mt 10, 1, 8; Lc 9, 1-2)⁵. O livro de Atos dos Apóstolos informa que “... numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos” (At 2, 43; 5, 12; 6, 8; 8, 6-7.13). Destaca o protagonismo de Pedro e Paulo: a cura de um aleijado (3, 1-9); a morte de Ananias e Safira (5, 1-10); a visão de Saulo (9, 17-18); a cura de Eneias (9, 33-35); a ressurreição de Dorcas (9, 36-41); a cura da cegueira de Elimas (13, 8-11); a cura de um coxo (14, 8-10); a expulsão de demônio de uma jovem (16, 16-18); a ressurreição de Êutico (20, 9, 10); a picada de uma víbora em Paulo sem causar-lhe dano (28, 3-5); a cura do pai de Públio e de outros habitantes da ilha de Malta (28, 7-9). A respeito de Pedro está escrito que “os doentes eram levados para as ruas, colocados sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles... e todos eram curados” (5, 15-16). De Paulo diz-se que “por suas mãos, Deus operava milagres não comuns. Bastava, por exemplo, que sobre os enfermos se aplicassem lenços e aventais que houvessem tocado seu corpo; afastavam-se as doenças e os espíritos maus saíam” (19, 11-12). São prodigiosas também as libertações de apóstolos das prisões em que foram lançados injustamente: 5, 17-21; 12, 6-11; 16, 25-28...⁶

5 Este poder, porém, não se restringe aos discípulos de Jesus, como podemos conferir nas passagens de Mc 9, 38-39 e Lc 9, 49-50.

6 Os textos indicados neste artigo correspondem à tradução da Bíblia de Jerusalém (2016).

Afinal, estes milagres realmente existiram assim como descrevem os redatores dos textos bíblicos? Haveria outras explicações? Não teriam razão os que advogam que estes fenômenos podem ser perfeitamente compreendidos à luz da ciência?

3. Milagre: o que é?

Etimologicamente, o termo “milagre” origina-se do latim, *miraculum*: algo que causa grande admiração. No hebraico e no grego - línguas em que foram redigidos os textos que formam a Bíblia - existem outros termos para indicar fenômenos que fogem à normalidade, acontecimentos extraordinários, surpreendentes, maravilhosos e misteriosos. O termo hebraico *ôl*, na maioria das ocorrências, refere-se a sinais que causam admiração e assombro, provenientes diretamente de Deus ou através de pessoas carismáticas. Por exemplo, as pragas que caem sobre os egípcios são reconhecidas como *ôl* (sinal); frequentemente vem acompanhado da palavra *môpet* (maravilha), normalmente traduzidos por “sinais e prodígios” (no plural: *ôtot umôpetím*: Ex 7, 3; Dt 4, 34; 6, 22; 7, 19; 26, 8; Ne 9, 10; Is 20, 3). Mesmo quando aparecem separadamente, de modo geral enfatizam a natureza extraordinária da ação de Deus na história do seu povo, indicando também as maravilhas cósmicas. O povo de Israel atribuía ao Senhor Deus, como causa primeira, todos os fenômenos da natureza, bem como os acontecimentos históricos. Outro termo, *péle*’ (milagre, coisa extraordinária), aponta para o ato maravilhoso de libertação de Deus, como demonstrado no Êxodo (Ex 15, 11), bem como para manifestar a sua insondável e prodigiosa sabedoria (Jó 9, 10) e a sua proteção às sucessivas gerações (Sl 78, 11-14). Os significados destes termos emergem da concepção hebraica de que Deus é a fonte da qual provém todas as coisas.

[...] o poder de Deus é ilimitado, para Ele nada é impossível (Gn 18, 14; Jr 32, 27); faz tudo o que quer (Sl 115, 3; 135, 6), e pode, portanto, agir de modo comum e de modo extraordinário. O israelita, pois, não conhecia uma distinção entre o natural e o preternatural ou o sobrenatural, porque “tudo o que acontece é de igual maneira obra de Deus” (Sl 86, 8; 77, 12; Is 12, 4)... O poder de Deus é realçado particularmente por tudo o que, na natureza ou na história, é maravilhoso, misterioso, surpreendente, espantoso ou terrífico... (Born, 1977, p. 989).

Na tradução grega da Bíblia encontram-se os termos derivados do verbo *thau-mázein* (admirar-se): *thauma* (milagre, admiração, assombro), *thau-másios* (digno de admiração), *ekthambéomai* (ser ferido de admiração)... São vocábulos usados para referir-se aos eventos incomuns, surpreendentes, impressionantes, admiráveis, que causam assombro (cf. Jó 17, 8; 18, 20; Sl 48, 6; Jr 4, 9). Aparecem também no Segundo Testamento (cf. Mc 1, 27; 10, 24.32; At 3, 1). Nos evangelhos sinóticos, *thau-mázô* (admiro-me) é usado para descrever as impressões causadas por Jesus diante das ações de curas e exorcismos (cf. Mt 9, 33; Lc 11, 14; Mc 5, 20) e de outras atividades como a maldição da figueira (Mt 26, 20) e a tempestade acalmada (Mt 8, 27) entre outras. A palavra *sēmêion* expressa o sinal maravilhoso realizado por Deus ou através de seus agentes. Os sinais (*sēmêia*) são a marca de reconhecimento diante de seu protagonis-

ta; provas que corroboram ou autenticam a identidade e a missão de alguém. Através de sinais, o Senhor Deus testifica a fidedignidade de suas palavras. Assim, o sinal do arco-íris garante o cumprimento da promessa de Salvação da humanidade (Gn 9, 8-17); também o sinal da circuncisão garante a fidelidade à Aliança (Gn 17, 11). As ações simbólicas que acompanham os profetas são sinais que autenticam a sua pregação como Palavra de Deus (1Rs 11, 29-39; Is 8, 1-23; Jr 19, 1-15). Há sinais que se revestem de natureza milagrosa, como os operados por Moisés (Ex 4, 1-17; 7, 1-12, 42), por Gideão (Jz 6), por Ezequias (2Rs 20, 8-11) e pelos profetas Elias e Eliseu.

Colin Brown (2000, p. 1288) informa que “os sinais milagrosos não se distribuem de modo uniforme por todo o Antigo Testamento”. Cita três períodos em que o povo de Israel se encontra em extremas dificuldades e é, sobretudo nestes períodos, que se agrupam os sinais milagrosos, prova do poder salvífico de Javé. São estes os períodos:

1. A libertação da escravidão do Egito e o estabelecimento em Canaã.
2. O tempo de Elias e Eliseu em conflito com a religião pagã.
3. O período de Daniel com seus companheiros e sua fidelidade à soberana vontade de Javé. Brown conclui:

O aspecto que estes períodos têm em comum é a situação extremada do povo de Deus que é atendida pela ação de Javé em eventos anormais, que são, em si mesmos, atos salvíficos e, ao mesmo tempo, indicadores de uma salvação ainda maior. O mesmo se pode dizer a respeito do quarto período de sinais milagrosos: a vinda de Jesus e da era do Evangelho (Coenen; Brown, 2000, p. 1288).

No Segundo Testamento, além de *sēmēion* / sinal (Mt 12, 38-39; Mc 8, 11-12; Lc 11, 16.29) aparece a palavra *dynameis* (poderes, forças) para significar atos portentosos (Mt 7, 22; 11, 20.23; Lc 10, 13; 19, 37). O Evangelho de João tem preferência pela palavra *sēmēion*/*sēmēia* (Jo 2, 11.18.23; 3, 2; 4, 54; 6, 2). Também é empregada a palavra *erga* (atos, obras), indicando as ações que Jesus realiza, testificando a sua identidade divina (Jo 5, 20; 7, 3; 10, 25; 15, 24). O termo *téra*/*terata* ressalta o aspecto prodigioso das obras de Jesus, bem como dos seus discípulos (Jo 4, 48; At 2, 22). Da mesma maneira que faz o hebraico ao juntar as palavras *’oth* e *môpêt*, encontra-se no grego bíblico a expressão *sēmēia kai téрата*: sinais e prodígios (Mc 13, 22; Mt 24, 24; Jo 4, 48; At 2, 19.22.43; Rm 15, 19; 2Cor 12, 12).

Estes termos e outros correlatos demonstram a profunda consciência que possuíam o povo de Israel e as comunidades cristãs primitivas a respeito da presença ativa de Deus que se manifesta através de sinais no cotidiano da vida. Carlos Mesters resume deste modo:

A característica fundamental do milagre, na Bíblia, é revelar a presença atuante de Deus: uma força que atua e que provoca uma coisa admirável, chamando a atenção, e que, por isso mesmo, se torna sinal de Deus. Não pertence ao milagre, enquanto milagre, o fato de ser contra a lei natural ou de não ter explicação científica. Pertence ao milagre, enquanto milagre, o fato de ser sinal da presença atuante de Deus na vida (Mesters, 1989, p. 204).

4. Correntes interpretativas

Anderson e Gorgulho (1991, p. 10-12) apresentam algumas correntes interpretativas de milagres que se inter-relacionam:

4.1. A corrente mitológica

Os milagres são interpretados como histórias que exprimem uma mentalidade mítica primitiva. No mundo antigo, de fato, era outro o conhecimento a respeito da natureza. Os fenômenos naturais eram compreendidos como efeitos das ações de divindades. Quando favoráveis eram sinais de bênção divina (como as pragas no Egito e a travessia do Mar Vermelho); quando prejudiciais sinalizavam o castigo decorrente dos pecados dos seres humanos (como o dilúvio). Atribuía-se também aos demônios o poder de prejudicar a vida das pessoas com doenças, acidentes, desastres naturais e outros fatores destrutivos.

4.2. A corrente naturalista

Os milagres são interpretados de uma forma que os torne plausíveis à razão humana. Por exemplo, vários atos miraculosos que Jesus realizou, especialmente os exorcismos, se explicam pela análise psicológica ou psiquiátrica.

4.3. A corrente sociológica

A interpretação dos milagres toma como ponto de partida a situação social, política, econômica e cultural em que se encontra a pessoa. Por exemplo: uma possessão demoníaca provém de fatores de opressão externa. Assim, os milagres realizados por Jesus correspondem a ações de libertação, apontando para possibilidades concretas não só da recuperação da saúde e inteireza pessoal, mas também de uma nova ordem social. “As narrativas têm um poder em si mesmas: como os milagres que elas descrevem, as narrativas são em si mesmas uma força simbólica que age para abrir perspectivas de um mundo novo para o seu leitor” (Anderson; Gorgulho, 1991, p. 12).

4.4. A corrente histórico-crítica

Esta corrente leva em conta a história da forma, da tradição e da redação dos textos bíblicos, ou seja, considera os gêneros literários ou tipos de milagres como classificados acima (curas, exorcismos, ressurreições, ação sobre a natureza), a situação vital das comunidades de onde emergiram os relatos e a intenção dos seus autores. Cada narrativa de milagre tem uma função teológica e social; procura responder às dúvidas e necessidade da comunidade. Para isso, cada autor tem sua maneira própria de transmitir o conteúdo do fato. O consagrado método histórico-crítico é de fundamental importância para a análise das narrativas bíblicas; constitui-se num processo cuidadoso que leva a resultados confiáveis.

5. A questão da historicidade dos milagres

Nenhum estudioso da Bíblia pode afirmar categoricamente que determinado evento extraordinário seja milagre, entendido como ato realizado diretamente por Deus e que nenhum ser humano conseguiria realizá-lo. Tomemos as ações extraordinárias relatadas nos evangelhos. John P. Meier, no capítulo em que trata precisamente da historicidade dos milagres de Jesus, interroga:

O Jesus histórico executou mesmo certos feitos surpreendentes e extraordinários (como supostos exorcismos e curas) que ele próprio e seu público consideraram milagres? Ou tais relatos saíram inteiramente da imaginação criativa da igreja primitiva, ao recordar os feitos de Jesus à luz de personagens do AT como Elias e Eliseu e ao proclamar esses feitos em um “mercado” religioso muito competitivo, que exaltava taumaturgos judeus e pagãos? Teria sido a necessidade missionária da igreja primitiva que criou os milagres de Jesus e os introduziu depois no ministério sem milagres do Jesus histórico? (Meier, 1998, p. 135-136).

Procurando responder a estas perguntas, Meier ressalta a importância de situar as histórias de milagres dos evangelhos dentro do contexto sociocultural greco-romano. Os paralelos não cristãos ajudam a interpretar os relatos evangélicos de acordo com os pressupostos daquele tempo. No antigo mundo mediterrâneo praticava-se com frequência a magia. Há tipos de literatura que confirmam esta prática, como também a dos milagres, nos últimos séculos a.C. e nos primeiros séculos d.C. “Milagre e magia estavam ambos ‘no ar’ quando Jesus começou seu ministério”, o que levanta a questão “se e até que ponto os supostos milagres de Jesus devem ser entendidos como exemplos judaicos de magia greco-romana do século I” (Meier, 1998, p. 46).

As ciências sociais, de modo especial a sociologia e a antropologia cultural, suscitaram debates interessantes sobre esta questão. Alguns estudiosos, como John Dominic Crossan, asseveram que Jesus fez uso de técnicas de magia nos seus exorcismos e curas. Junto com outros cientistas, Crossan acredita que magia e milagres são basicamente a mesma coisa. “Ambos são meios garantidos de se usar o poder divino ou (mais comumente) sobre-humano para atingir certos fins desejados no mundo humano, fins não alcançáveis – ou dificilmente alcançáveis – por meios comuns” (Meier, 1998, p. 47). Teria sido a apologética cristã, no intuito de proteger a religião, a responsável por retirar a magia da prática de Jesus, segregando-a a ambientes pagãos!

Afastando-se desta distinção tendenciosa, os cientistas sociais procuram esclarecer que “magia” deve ser entendida em seu sentido neutro, sem conotação pejorativa, sem a interferência de julgamentos teológicos. No entanto, admitem, com base em literatura antiga – como os escritos de Apuleio⁷, do segundo século –, que a magia “havia se revestido de excessivas vibrações negativas na sociedade greco-romana”, sendo inclusive motivo de perseguição. Apuleio “se destacou como raro defensor da magia quando argumentou, em seu julgamento, que etimologicamente ‘mágico’ era o

7 Lúcio Apuleio (125-180), filósofo e escritor romano, de origem africana. Escreveu várias obras, muitas perdidas. A principal que chegou até nós: *Metamorfoses* (Apuleio, 2023).

equivalente da palavra ‘sacerdote’ e que ‘magia’ era um termo alternativo para observância religiosa” (Meier, 1998, p. 48).

Anderson e Gorgulho (1991, p. 26-29) descrevem os elementos que caracterizam a magia: não está atrelada a uma instituição; o mago normalmente está à margem do Estado e de outras instâncias de poder; age com independência; faz uso de uma técnica que normalmente é guardada em segredo, mas, se for da vontade do mago, pode ser repassada; tem o controle sobre as forças ocultas que prejudicam a vida de uma pessoa; mexe com a origem e o dinamismo destas forças e, por isso, exerce domínio sobre elas; ajuda a integrar a pessoa numa sociedade, mesmo num contexto de dispersão e de violência que parece incontrolável.

A literatura acadêmica levanta outras características: prática de rituais e fórmulas geralmente ininteligíveis; série de nomes esotéricos de divindades e sílabas sem sentido; relação mais impessoal com os poderes sobrenaturais; coerção das divindades em lugar de súplica humilde; ação individual sem uma comunidade religiosa ao seu redor; exigência de pagamento pelos serviços prestados... (Meier, 1998, p. 50).

Nota-se que não é tão fácil encontrar uma definição universalmente aceita a respeito de magia, bem como estabelecer uma distinção nítida entre magia e milagre. Em algumas narrativas de milagres nos evangelhos é possível constatar elementos característicos de magia⁸. Atualmente, pelo menos em ambiente católico, persiste a ideia de que magia é algo pejorativo. Alguns encaram a magia como “o lado folclórico da religião popular”; outros a veem como expressão subversiva ao sistema dominante; outros ainda como “uma visão de mundo, uma forma particular de compreender as coisas e suas associações recíprocas” (Meier, 1998, p. 50). Jesus de Nazaré não teria praticado a magia, somente milagres. Suas ações são reveladoras da identidade de um profeta carismático, tendo um modo particular de exercer o seu ministério no meio do povo.

As características principais de um taumaturgo profeta carismático, segundo Anderson e Gorgulho (1991, p. 28-29), são estas: nunca trabalha sozinho, mas em companhia de discípulos; seu interesse não é somente a cura, mas a palavra profética tendo em vista a possibilidade de mudança da realidade causadora de sofrimentos para o povo; para isso oferece um programa e intenciona criar um movimento em favor de uma nova ordem social; não age para impressionar; mantém coerência entre o que fala e o que faz; suas palavras e ações são extensão de sua própria identidade; normalmente é perseguido pelas instâncias de poder.... Com estas características, é fácil perceber que Jesus pode ser contemplado dentro desta categoria de taumaturgo profeta carismático. Permanece, no entanto, a pergunta: Jesus de Nazaré realizou de fato as ações extraordinárias, consideradas como milagres, assim como estão descritas nos evangelhos?

6. Critérios de historicidade

Seguindo o estudo de Meier (1998, p. 138-151), deve-se levar em conta alguns

8 Um exemplo pode ser encontrado na narrativa da Cura do Cego de Nascença (Jo 9, 6-7), na qual Jesus realiza um ritual característico de magia: “[...] cuspiu na terra, fez lama com saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego e lhe disse: ‘Vai lavar-te na piscina de Siloé’” (Jo, 9, 6-7). A saliva era considerada um elemento curativo na antiguidade; Jesus a utilizou também na cura de um surdo-mudo (Mc 7, 31-37) e a de um cego em Betsaida (Mc 8, 22-26).

critérios para atestar ou não a historicidade dos milagres: os critérios da múltipla confirmação e o da coerência são de importância vital; os demais servirão de apoio: os critérios da descontinuidade, do constrangimento e o da rejeição e execução de Jesus.

6.1. O critério da múltipla confirmação

Todas as fontes atestam que Jesus realizou milagres: os quatro evangelhos, a fonte *Quelle* e também o historiador Flávio Josefo. Estas fontes situam-se todas no primeiro século e, portanto, próximas ao Jesus histórico. Marcos, o primeiro a escrever o evangelho, recolhendo as histórias de milagres certamente provenientes da primeira geração cristã, dedica aproximadamente 1/3 do conteúdo referindo-se aos milagres de Jesus. Encontram-se estas histórias em blocos (4, 35-5, 43) ou isoladas (9, 14-29), em estilos não uniformes; umas oferecem nomes de pessoas e lugares, outras sem estas identificações. O próprio Jesus fala sobre milagres (3, 20-30), envia os apóstolos em missão com o poder de realizar curas e exorcismos (6, 7-13) e aprova a ação do exorcista que não faz parte do grupo de discípulos (9, 38-40).

A fonte *Quelle* (Q) apresenta a história da cura do servo do centurião (Mt 8, 5-13), bem como falas de Jesus relacionadas aos milagres (Mt 12, 22-32), a resposta aos enviados por João Batista, listando vários milagres (Mt 11, 5-6) e condena algumas cidades da Galileia onde Jesus realizou milagres e, mesmo assim, não acreditaram nele (Mt 11, 20-24). O envio dos discípulos em missão pelo mundo, também na versão de *Quelle*, Jesus os incumbe de realizar milagres (Mt 10, 8 || Lc 10, 9).

Os evangelhos de Mateus e Lucas também dão testemunho dos milagres realizados por Jesus durante seu ministério público. Os autores fizeram questão de retomar e difundir, em estilo próprio, as narrativas das ações milagrosas já contempladas no Evangelho de Marcos e na fonte Q. Além disso, basearam-se em tradições próprias, como se pode constatar pelo material exclusivo de cada um destes evangelhos. A tabela exposta acima evidencia as narrativas de milagres próprias de cada um deles. Em Mateus encontram-se três delas: a moeda na boca do peixe (Mt 17, 27), a cura de dois cegos (9, 17-31) e Pedro andando sobre as águas (14, 28-31). Da tradição própria, Lucas recolheu as seguintes narrativas de milagres: a ressurreição do filho de viúva de Naim (Lc 7, 11-17), a expulsão dos sete demônios de Maria Madalena e a cura de outras mulheres (8, 2-3), a cura da mulher encurvada (13, 10-17), a cura do hidrópico (14, 1-6), a purificação dos dez leprosos (17, 11-19) e a reposição da orelha de um servo do Sumo Sacerdote (22, 50-51).

O evangelho de João baseia-se em tradição independente, tendo apenas algumas histórias de milagres paralelas aos sinóticos ou a algum deles: a cura de um servo do centurião (Jo 4, 46-53), a multiplicação dos pães (6, 1-13), Jesus sobre o mar (6, 16-21) e, no acréscimo posterior, o relato da pesca milagrosa (21, 1-14); as narrativas próprias da tradição joanina referentes aos milagres: a mudança da água em vinho (2, 1-11), a cura do paralítico de Betesda (5, 1-18), a cura do cego de nascença (9, 1-41) e a ressurreição de Lázaro (11, 1-46). A perspectiva teológica de João não inclui os exorcismos.

O historiador Flávio Josefo⁹, independente dos escritos evangélicos, em seu livro *Antiguidades Judaicas*, refere-se ao aparecimento de Jesus, “um homem sábio, autor de feitos surpreendentes, um mestre de pessoas que recebem a verdade com prazer. E ele conquistou seguidores tanto entre judeus como entre muitos de origem gentia” (Meier, 1998, p. 140). Esse texto, núcleo do que é denominado *Testemonium Flavianum*, revela que Jesus foi reconhecido como uma liderança carismática também entre não cristãos, portador de poderes especiais, confirmados por seus “feitos surpreendentes”, expressão que Josefo usa também para referir-se aos milagres do profeta Eliseu.

As múltiplas fontes e também as múltiplas formas literárias – curas, exorcismos e milagres da natureza – bem como as afirmações que resumem as atividades milagrosas de Jesus e suas falas relacionadas a este tema, tudo está entrelaçado formando um testemunho confiável: Jesus histórico realizou milagres. Outros critérios fortalecem esta afirmação.

6.2. O critério da coerência

Este critério diz respeito à íntima relação entre as ações e as falas de Jesus. Elas se apoiam mutuamente. Assim, as falas de Marcos e de Q revelam que os exorcismos são apresentações da vitória escatológica do bem sobre o mal; as ações de curas e sobre as forças da natureza, situadas no contexto maior do ministério de Jesus, são sinais já presentes do Reino de Deus. A resposta de Jesus aos enviados por João Batista revela que os milagres são o cumprimento das profecias de Isaías sobre o tempo messiânico, portador de salvação definitiva (Is 35, 5-6; 42, 7; 26, 19; 61, 1). Dentro dos longos discursos presentes no evangelho de João encontram-se comentários sobre certos sinais realizados por Jesus, como, por exemplo, o discurso sobre o pão da vida (6, 34-51) relacionado ao sinal da multiplicação dos pães (6, 1-15). Ações e falas, provenientes de diferentes fontes, formam um todo pleno de significado, constituindo-se um forte argumento a favor da historicidade dos milagres de Jesus.

Faz parte deste critério da coerência o fato de Jesus ser seguido por um grande número de discípulos de forma prolongada. Os quatro evangelhos e também a fonte não cristã de Flávio Josefo testificam que os milagres e os ensinamentos de Jesus exerciam forte atração. Outros líderes carismáticos também foram seguidos por discípulos, como João Batista. Porém, já nos inícios do século II não se tem notícias de que o movimento do Batista estivesse vivo. No entanto, o movimento de Jesus continuou a crescer para além do século I, inclusive reivindicando a mesma capacidade de operar ações milagrosas que Jesus realizou em seu tempo histórico.

6.3. O critério da descontinuidade

Como acenado anteriormente, uma literatura antiga informa que no mundo greco-romano e judaico havia várias tradições sobre milagres operados por taumatur-

9 Flávio Josefo viveu entre os anos 37 a 100. Autor de vários livros oferece importantes elementos históricos da Palestina do século I.

gos famosos. Os atos milagrosos de Jesus não chegam a ser descontínuos com estas tradições. No entanto, alguns elementos podem ser levantados que mostram aspectos incomuns referentes às tradições dos milagres evangélicos. Um deles é a datação dos documentos próxima aos eventos históricos. O evangelho de Marcos foi redigido pelo ano 70; Lucas e Mateus, pelo ano 85; João, pelo final do 1º século; Josefo escreveu o livro *Antiguidades Judaicas* pelo ano 94. Para outros taumaturgos famosos não há biografias datadas com essa proximidade. Filóstrato, por exemplo, escreveu a respeito de Apolônio de Tiana somente no início do século III. Os sábios judeus Honi, fazedor de círculos e Hanina ben Dosa são citados rapidamente pela Mishná quase 200 anos depois de seu tempo histórico. Além disso, as histórias narradas são de natureza diferente. Por exemplo, no contexto rabínico pede-se ao taumaturgo que ore por alguma bênção e, através de suas preces a bênção acontece; também não se encontra nos escritos rabínicos e pagãos a ênfase sobre a fé. No contexto evangélico, Jesus cura pela palavra ou pelo toque e enfatiza o poder da fé. É importante considerar o que diz Meier:

Quando se levanta a questão embaraçosa da ‘singularidade’ de Jesus, esta singularidade é melhor debatida não em termos de algum aspecto individual de seu ministério tomado isoladamente, mas sim nos termos de configuração total de suas palavras e ações. Se é que o critério da descontinuidade se aplica aos milagres de Jesus, é somente nesse contexto ou nessa configuração mais amplos (Meier, 1998, p. 144).

6.4. O critério do constrangimento

Refere-se ao fato dos escribas de Jerusalém acusarem Jesus de estar possuído por Beelzebu (Mc 3, 22-30; Mt 12, 22-32; Lc 11, 17-23); seus exorcismos seriam sinais de um pacto com o príncipe dos demônios. Jesus refuta esta acusação com vários argumentos. A historicidade deste episódio parece ser evidente. As comunidades cristãs não criariam uma história dessas, colocando Jesus numa situação de ambiguidade.

6.5. O critério da rejeição e execução de Jesus

Sem dúvida, foi por uma convergência de motivos que levaram Jesus à condenação e morte, entre os quais os seus atos milagrosos. Há narrativas que mostram as polêmicas e perseguições até com a intenção de executá-lo, causadas pela realização de alguns destes atos (Mc 3, 6; 5, 17). Em síntese: foi a globalidade do ministério de Jesus – seus atos e ensinamentos – que o transformou em um problema para as autoridades, culminando com a sua morte.

7. Milagres aconteceram

Como podemos perceber, os dois primeiros critérios – o da múltipla confirmação e o da coerência – atestam a veracidade das narrativas evangélicas sobre os atos extraordinários de Jesus, considerados milagres por ele próprio e por outras pessoas.

A confirmação desta verdade provém das várias fontes e formas literárias tanto da 1ª geração (Mc e Q), como da 2ª e 3ª gerações (Mt, Lc, Jo e Josefo). Também a coerência perfeita entre as palavras e ações de Jesus, provindas de diferentes tradições, testemunha a favor da historicidade dos milagres.

Os outros critérios – descontinuidade, constrangimento, rejeição e execução – oferecem significativo apoio ao que provam os dois primeiros. No entanto, “é impossível reconstituir o que realmente aconteceu. Não há dúvida, porém, que aconteceu algo que o povo ou os discípulos perceberam como um fato extraordinário e no qual eles descobriram que Deus os interpelava” (Charpentier, 1982, p. 8). As comunidades primitivas certamente contavam e recontavam estes fatos extraordinários de forma criativa e dinâmica, de acordo com o ambiente cultural em que estavam inseridas. Os relatos que temos nos evangelhos são fruto desta criatividade, cujo fundamento é a pessoa e a prática histórica de Jesus de Nazaré.

O fato é historicamente inegável: Jesus foi considerado por seus contemporâneos um curador e exorcista de grande prestígio. Praticamente a totalidade dos investigadores contemporâneos está de acordo em afirmá-lo. Este consenso generalizado da crítica moderna não significa que se possa provar o caráter de cada um dos relatos concretos tal como estão consignados nos evangelhos. Pelo contrário, quase sempre trata-se de relatos estereotipados que descrevem não tanto um acontecimento concreto quanto o tipo de curas que Jesus fazia, de acordo com a lembrança que havia dele como ‘fazedor de milagres’ (Pagola, 2007, p. 198).

8. Considerações finais

Todos os textos bíblicos, antes de serem escritos, passaram por um processo de oralidade. Os evangelhos são frutos das reflexões feitas pelas comunidades cristãs primitivas a partir da morte e ressurreição de Jesus. Sem inventar histórias, os evangelistas – cada um com sua maneira original de se expressar e com intenções próprias – atualizaram a memória de Jesus de Nazaré levando em conta o contexto de cada comunidade. Por isso, encontramos episódios do ministério de Jesus narrados de formas diferentes por cada um dos quatro evangelhos. Essa constatação, porém, não nos dá o direito de negar a veracidade dos fatos; também não nos permite de interpretar as narrativas ao “pé da letra”, pois assim nos desviaríamos do sentido que a Palavra de Deus nos proporciona para a edificação do projeto de vida e dignidade no mundo.

Fundamentalmente, os milagres narrados nos evangelhos buscam revelar a identidade de Jesus e suscitar a fé e o seguimento à sua pessoa e ao seu projeto. Não são fatos isolados, estão relacionados com a totalidade de sua vida, de seus ensinamentos, do conjunto de seu ministério. Indicam a real possibilidade de transformação pessoal e social. Como bem expressa Hugues Cousin: “A singularidade de Jesus de Nazaré não deve ser procurada em primeiro lugar nos milagres que ele fez – vários outros os fizeram em seu tempo, particularmente rabis carismáticos. Ela está na significação que ele lhes deu” (Cousin, 1993, p. 90).

Vivemos numa época em que a ciência parece ter a pretensão de explicar tudo. Os ditos “milagres” ficam sob suspeita, uma vez que os acontecimentos são decifrados pelo princípio de causa e efeito: a natureza tem suas próprias leis; tudo pode ser pro-

vado; se existe alguma coisa que hoje não se explica, amanhã, certamente, a ciência encontrará a resposta... Na tradição judaico-cristã, conforme testemunha a Bíblia, Deus revela-se como Criador e Libertador de todos os males, Fonte de todos os bens necessários à vida e vida em abundância sem exclusão; revela-se na ordem total da Criação; manifesta o seu plano de amor comunicando-se na vida e no agir humanos, portanto também através do progresso científico. Ciência e fé não se opõem; andam juntas; são dons divinos para o bem da humanidade. Santo Agostinho afirmou e o papa João Paulo II retomou na encíclica *Fides et Ratio*: “A fé e a razão são duas asas que nos levam para Deus”. Com a fé sem a razão caímos no fideísmo: atitude de quem se deixa conduzir na vida cegamente, sem critérios e sem convicções profundas. Com a razão sem a fé caímos no racionalismo, o qual nega a dimensão fundamental de toda pessoa que é a transcendência. Cada pessoa e a humanidade inteira, cada criatura e a criação inteira são chamadas à plena realização. É para esta meta suprema que apontam os milagres - os da Bíblia e os da vida -, sinais do Reinado de Deus no meio de nós, protagonizados por sua graça através de todas as pessoas de boa vontade.

Referências

- ANDERSON, Ana F.; GORGULHO, Gilberto. *Milagres: gestos de vida e de liberdade*. São Paulo: [s. n.], 1991.
- APULEIO: Escritor Romano (125-180). [S. l.]: Clássicos Literários, 2023. Disponível em: <https://classicosliterarios.com/apuleio.html>. Acesso em: 8 dez. 2023.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.
- BORN, Alfred van den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 989.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O segredo do milagre: uma perspectiva bíblico-teológica*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- CHARPENTIER, Etienne. *Os milagres do Evangelho*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento: Milagre, maravilha, sinal*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1282-1294.
- COUSIN, Hugues. *Narração de milagres em ambiente judeu e pagão*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Cleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 1213-1214.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. v. 2, livro 3.
- MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?* 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PUIG, Armand. *Jesus: uma biografia*. São Paulo: Paulus, 2020.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
 © 2025 aos autores.
 Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
 Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica